

MEDO DO VÍRUS MORTAL | POR GERD REUTHER

Posted on 2. Dezember 2020

Não há nenhuma pandemia nem ameaça biológica, apenas a ameaça de uma ditadura em nome do lucro.

Um ponto de vista de Gerd Reuther.

As doenças estão entre os companheiros indesejáveis da humanidade. Pouco mudou ao longo dos séculos no horror das doenças e da morte em massa num curto espaço de tempo. Mesmo na era dos antibióticos e desinfetantes, o medo reina após a proclamação de uma pandemia causada por um coronavírus em 2020. Tal como com a primeira epidemia de peste em 1347, não existe uma prevenção fiável da infecção nem um tratamento eficaz para a doença. Permanece: quarentena, vestuário de protecção e desinfetantes. Apenas que agora a Sagrotan® & Co substituiu o vinagre, e a fuga já não é uma opção.

Mas já existe uma diferença em relação à peste: sem cuidados intensivos, não haveria mortalidade excessiva e nem sequer um aumento das licenças por doença. Para uma epidemia fatal, faltam os corpos conjugais. As únicas mortes ocorreram em hospitais e lares. E em alguns lugares, os trabalhadores da saúde também morreram quando engoliram os mesmos medicamentos que estavam a administrar: a droga anti-malária hidroxicloroquina em doses excessivas e os outros medicamentos supostamente "antivirais" (1, 2). Não foi o vírus conjurado que matou pessoas. As poucas autópsias que tiveram lugar não puderam confirmar a morte viral (3).

O acidente de hoje teve lugar há 150 anos. Os habitantes deste planeta, escondidos dos nossos olhos, foram declarados como sendo agentes patogénicos mortais. Inimigos e culpados eram necessários na natureza a fim de poder esconder a miséria causada pelo homem pela guerra e exploração industrial. O químico francês Louis Pasteur (1822 a 1895) e o médico alemão Robert Koch (1843 a 1910) eram figuras adequadas. Os humanos foram reinterpretados como criaturas estéreis que poderiam ser mimadas ou mortas por um único micróbio. Mesmo assim, os factos óbvios que mostraram que os microrganismos só se tornaram fontes de doença e morte em condições ambientais adversas quando a sua saúde estava a ser atacada foram ignorados.

Pessoas doentes como teatros de guerra

A lógica militar infectou o pensamento médico. Os agentes patogénicos foram combatidos e deveriam ser erradicados com vacinas. Um pensamento que ainda hoje ocupa o pensamento de muitos médicos. O médico e político do SPD Karl Lauterbach soa em 2020: "E o teste PCR, que estamos actualmente a utilizar e que é tão caro como o tiro do tanque, vai atrás do coelho. Precisamos de algo como uma espingarda de ar, com a qual geramos velocidade" (4).

O facto de uma luta contra os inimigos naturais da saúde degradar os doentes para os teatros de guerra é aceite com aprovação. Os antibióticos, desinfecção e quimioterapia são mais uma luta contra pessoas doentes do que contra as suas doenças. Até hoje, quase ninguém se incomoda com o facto de Pasteur ter traído a sua pesquisa e Koch ter descoberto quase nada por si próprio. As experiências antiéticas humanas e animais de ambos - com milhares de cadáveres de animais e, no caso de Koch, com numerosas mortes entre a população nativa nas colónias alemãs - são vergonhosamente ocultadas. Os institutos em que os nomes de Pasteur e Koch ainda estão brasonados em França e na Alemanha não são um bom presságio.

Os investigadores actuais de bactérias e vírus ainda estão envolvidos no mesmo pensamento primitivo e industrial. Para a actual "pandemia", previram centenas de milhares de mortes para os países industrializados, e por sua vez prometeram vacinações como panaceia. Traíçoeiramente, os mecanismos da imunidade natural através do contacto com microrganismos - a chamada "imunidade do rebanho" - têm sido estigmatizados como "perigosos", ainda que esta tenha sido a protecção comprovada dos mamíferos durante milhões de anos. Mas claro que não há dinheiro a ser feito com auto-protecção inata gratuita ...

No entanto, nem sequer existiríamos hoje se não houvesse bactérias e vírus neste planeta. Pelo menos 8 por cento do nosso ADN provém de vírus incorporados e outros 40 por cento contêm feixes repetitivos de ADN viral. Pelo menos 19 tipos diferentes de vírus vivem dentro e sobre nós. A sua presença em qualquer amostra de tecido ou líquido não diz portanto nada sobre a doença. 60 por cento das células da nossa massa corporal não são as nossas próprias células, mas sim co-habitantes bacterianos. Aqueles que consideram os microrganismos como inimigos, não compreenderam a nossa existência.

Descobertas inapropriadas

Estas descobertas são tão antigas como os cenários de ameaça de Pasteur e Koch e foram formuladas pelo químico francês Antoine Béchamp (1816 a 1908). Ele já tinha reconhecido que a nossa vida e morte é moldada por microrganismos. Só ficamos doentes sob certas condições pelos nossos concidadãos, mas não por inimigos de fora. Estes pontos de vista, que são hoje confirmados pela investigação genética e microbiana, encaixavam então tão pouco no pensamento das principais elites como o fazem hoje em dia.

Algumas décadas mais tarde, o investigador francês Felix Hubert d'Hérelle (1873 a 1949) tinha fornecido uma prova prática de que os microrganismos podem ser mais elementos de uma cura do que uma doença. As suas soluções de vírus especializadas em bactérias - os chamados bacteriófagos - ele foi capaz de utilizar com sucesso em epidemias bacterianas em todo o mundo. Desde então, estas soluções de vírus curaram mais eficazmente do que os antibióticos, embora até há pouco tempo apenas na Geórgia. A indústria farmacêutica em todo o mundo dependia da química tóxica, que se tornou frequentemente ineficaz uma geração após a sua introdução. Durante décadas, o fago D'Hérelles tem sido o último recurso para pessoas com infecções resistentes a antibióticos.

Não admira que, com base na lógica farmacêutica errada da guerra, "pandemias" com agentes patogénicos mortais sejam repetidamente declaradas. Actualmente o de um coronavírus com um nome e animação 3D colorida. Mas porque é que ainda não existe uma "imagem procurada", ou seja, uma fotografia de microscópio electrónico, desta Sars-Cov-2? Porque é que o agente patogénico ainda não foi isolado e cultivado em qualquer caso de doença? Porque é que um teste PCR não específico, que não detecta de modo algum o vírus suspeito, é prova suficiente da doença?

Numa inspecção mais atenta, todos os processos desta "pandemia" não são compatíveis com um evento biológico. Se um vírus tem vindo a espalhar-se por todo o lado durante meses depois de se ter espalhado pelo mundo, porque é que os números da infecção nos países vizinhos diferem tão consideravelmente? Porque é este o caso mesmo entre os condados vizinhos? Também não é plausível que os supostos focos de infecção não aumentem de tamanho, embora a prova de doença e o rastreio de pessoas de contacto demore dias ou mesmo semanas.

Pandemia encenada

Todos estes fenómenos só podem ser explicados pela forma como o alegado diagnóstico é feito. Mas não por uma propagação natural do vírus. As "infecções" só ocorrem onde os testes são feitos, e os "números" aumentam onde mais testes são feitos. Como há dez vezes mais testes do que na Primavera e a taxa de falsos resultados positivos aumenta devido à contaminação laboratorial (5), parece haver agora uma "segunda vaga". Uma "onda de infecção" em que, à medida que o número de testes aumenta, a percentagem de pessoas que são realmente sintomáticas diminuiu...

Os números de mortes e doenças para este ano expõem a "pandemia" como uma encenação. Em nenhum momento o Instituto Federal de Estatística de Wiesbaden comunica excesso de mortalidade ou um aumento do número de pessoas doentes na Alemanha (6). Nas ondas de gripe de 2017 e 2018, por outro lado, houve de facto um excesso de mortalidade nos meses de Janeiro a Março, o que este ano também não se verificou em Março e Abril. Para o ano como um todo, é previsível uma minoria, tendo em conta o ainda crescente envelhecimento da população!

Mas e os caixões no Norte de Itália e as clínicas sobrelotadas em Bergamo, Paris e Madrid? O excesso de mortalidade a curto prazo teve causas locais e nada a ver com o vírus que foi incriminado. Foi precisamente nestes períodos que foram realizados ensaios de drogas em muitos países com drogas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Nestes estudos, a droga malária hidroxicloroquina foi utilizada numa dose que foi fatal (!) várias vezes, juntamente com outras substâncias inúteis mas prejudiciais, como o Remdesivir (7).

Quando as pessoas morriam como as moscas proverbiais, os estudos eram descontinuados. Os picos de morte não se ajustam de modo algum à propagação do vírus. Como poderia a taxa de mortalidade ter baixado tão rapidamente para a média estatística sem tratamento ou vacinação eficazes?

Medicina mortal

Assim, onde houve mortes reais no decurso desta fase pandémica, elas foram o resultado da medicina. Em

Itália e Espanha isto foi exacerbado pelo facto de nestes países ser comum um defeito enzimático que faz com que a hidroxicloroquina destrua os glóbulos vermelhos (8). As mortes tornaram-se assim ainda mais frequentes nos doentes. E a morte de médicos, enfermeiros e prestadores de cuidados que tomaram o medicamento profilaticamente pode ser explicada. Isto é confirmado pelo facto de na "segunda vaga" haver apenas "números" mas nenhuma nova morte ...

Um exame detalhado das taxas de mortalidade por grupo etário mostra também que para o Covid-19 não existem sequer os grupos de risco repetidamente invocados (9). Uma comparação dos últimos quatro anos mostra que a idade do falecido não se deslocou de forma alguma para os grupos etários mais velhos. O risco de morte para os idosos é maior para a maioria das doenças do que para as pessoas mais jovens e de meia-idade. Um risco de saúde específico de uma doença actual não é discernível para 2020.

Toda a encenação de uma ameaça extraordinária à saúde é tornada clara através da comparação de números:

Na Alemanha, diz-se que até agora cerca de 30 pessoas por dia morreram "de e com o Covid-19".

Na Alemanha, cerca de 100 pessoas morrem de pneumonia todos os dias.

Na Alemanha, cerca de 100 pessoas morrem todos os dias de infecções hospitalares.

Na Alemanha, cerca de 5.000 pessoas são infectadas em hospitais todos os dias (10).

Os números da doença e da morte causada pelo Covid-19 não têm qualquer relação com o pânico que se vive há meses. O "valor limiar" arbitrário de 50 novos casos por 100.000 habitantes como medida de uma ameaça de propagação de doenças baseia-se apenas em testes, e não em doenças infecciosas reais e confirmadas. Além disso, na União Europeia, as doenças crónicas que não afectam mais de 50 por 100.000 pessoas são, por definição, consideradas "doenças raras"! Os fabricantes farmacêuticos têm o direito de reivindicar direitos especiais das autoridades reguladoras se desenvolverem medicamentos face a tais frequências de doenças ...

Etiquetas falsas

A verdade é tão chocante como reconfortante: não há nenhuma pandemia! Os números espalhados como

"Covid-dead" e "Covid-sick" não são pessoas falecidas ou doentes adicionais. Os mortos e doentes foram simplesmente reetiquetados! Um teste PCR positivo sem sentido é suficiente para isso.

E a prova? Bem, os alegados novos mortos que morreram "em e com Covid-19" estão desaparecidos em outras categorias de diagnóstico. A Influenza chama-se agora Covid-19! Com o aparecimento do Covid-19, a gripe desapareceu subitamente no final do Inverno passado. Menos pacientes morreram também de ataques cardíacos. Os resultados da autópsia, que mostraram quase sem exceção que não foi a pneumonia que levou à morte dos "doentes de Covid-19", mas outros danos de órgãos (11), estão agora a ser reinterpretados (12). O vírus causaria danos nos órgãos e coágulos de sangue em todo o lado... Apenas que faltam as causalidades. As terapias agressivas usando ventilação por pressão positiva antes da morte não foram investigadas como uma causa possível.

Portanto, não há razão para se proteger de uma infecção respiratória na época da gripe 2020/21 de forma diferente do que nos séculos passados. Muito ar fresco, roupa quente, cachecol e chá quente. Ninguém precisa de tampas de nariz bucal, desinfetantes e luvas de plástico. Não só estas supostas medidas de protecção não impedem comprovadamente uma única infecção (13).

A nossa saúde é ameaçada pelo aumento da re-respiração do dióxido de carbono, pela elevada contagem de germes das máscaras que são usadas repetidamente e pela inalação de corantes tóxicos e microplásticos. Em algumas mortes súbitas de crianças mascaradas, estas são muito provavelmente devidas à cobertura da boca e do nariz. Não pode haver confirmação disto, uma vez que mesmo as autópsias não revelam níveis aumentados de dióxido de carbono no sangue e arritmias cardíacas fatais como consequência possível não deixam vestígios.

O vírus como pretexto

As vacinas são um risco para a saúde, especialmente para os idosos sem qualquer benefício para as infecções respiratórias. A recomendação de uma vacinação contra a gripe não tem qualquer evidência para os supostos grupos de risco e pode ser explicada pela procura de lucro por parte da indústria farmacêutica e dos médicos. Há décadas que a medicina veterinária sabe que não existem vacinações funcionais contra os

vírus corona (14). Os poucos resultados dos estudos de aprovação das vacinas "corona" planeadas já revelam graves deficiências de saúde em voluntários jovens e saudáveis (15).

A "Corona" não é um fenómeno biológico, mas um pretexto para transformar as sociedades livres deste mundo em ditaduras que podem ser abusadas à vontade por uns poucos indivíduos e indústrias financeiramente fortes. "Corona" é apenas a chave para os nossos dólares de impostos. Os Estados altamente endividados não só são obrigados a expropriar os seus cidadãos, como também têm de se submeter voluntariamente aos ditames dos governantes estrangeiros.

A sequência é historicamente bem conhecida: Primeiro vem a incapacitação, depois a privação de direitos e finalmente a expropriação. Já fomos incapacitados por nos terem sido prescritos padrões de comportamento concretos como crianças malandrecas. A constituição e o Código Civil existem muitas vezes apenas no papel. Se a população deste país continuar a apoiar a narrativa, o fim está à vista. O cérebro do Fórum Económico Mundial já apresentou um cenário como o dos anos após a Primeira Guerra Mundial como uma perspectiva sombria mas inevitável (16). Para a maioria das pessoas naquela altura, isto significava 15 anos de dificuldades, preocupações e doenças. Milhões de pessoas morreram sem que um tiro fosse disparado.

***Gerd Reuther** é um professor universitário e especialista em radiologia. Em 2005 recebeu o Prémio Eugenie e Felix Wachsmann da Sociedade Alemã de Radiologia pelas suas realizações. Publicou cerca de 100 artigos em revistas e livros nacionais e internacionais, assim como dois livros próprios. Também dá palestras sobre o papel da medicina na sociedade.*

Fontes e notas:

(1) Engelbrecht, T.; Köhnlein, C.: Die Medikamenten-Tragödie. *Rubikon* 2020;

<https://www.rubikon.news/artikel/die-medikamenten-tragodie>

(2) Wodarg, W.: Der Pandemie-Krimi. *Rubikon* 2020

<https://www.rubikon.news/artikel/der-pandemie-krimi>

(3) <https://www.epicentro.iss.it/coronavirus/sars-cov-2-decessi-italia>

- (4) Prof. Karl Lauterbach in der Diskussionsrunde von Markus Lanz; ARD vom 13.8.2020
- (5) Prof. Dr. Ulrike Kämmerer im Corona-Untersuchungsausschuss;
https://www.youtube.com/watch?v=sErsI3DAqwo&feature=emb_title
- (6) Statistisches Bundesamt, Wiesbaden
- (7) Engelbrecht, T.; Köhnlein, C.: Die Medikamenten-Tragödie. *Rubikon* 2020;
<https://www.rubikon.news/artikel/die-medikamenten-tragodie>
- (8) Wodarg, W.: Der Pandemie-Krimi. *Rubikon* 2020;
<https://www.rubikon.news/artikel/der-pandemie-krimi>
- (9) Statistisches Bundesamt, Wiesbaden
- (10) Reuther, G.: Der betrogene Patient. 4. Auflage; S. 137 ff.; Riva Verlag; München 2019
- (11) <https://www.epicentro.iss.it/coronavirus/sars-cov-2-decessi-italia>
- (12)
<https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/115799/COVID-19-bei-Mehrzahl-der-Betroffenen-auch-die-Todesursache?>
- (13) Kappstein, I.: Mund-Nasen-Schutz in der Öffentlichkeit: Keine Hinweise für eine Wirksamkeit. *Krankenhaushygiene update* 2020; 15: 279 bis 97
- (14) Fischer, L.: Wie Schweine verraten, was ein COVID-19-Impfstoff kann. *Spektrum der Wissenschaft* vom 17.9.2020
- (15) Uhlmann, B.: Zwei Studien zu Corona-Impfstoffen müssen pausieren. *Süddeutsche Zeitung* vom 14.10.2020 <https://www.sueddeutsche.de/gesundheit/corona-impfstoff-antikoerpertherapie-1.5068364>
- (16) Schwab, K.; Malleret, T.: The Great Reset. ISBN Agentur Schweiz 2020

Os livros "Die Kunst, möglichst lange zu leben" e "Der betrogene Patient" do Dr. med. Gerd Reuther são recomendados neste contexto.

+++

Nota sobre o artigo: O presente texto apareceu pela primeira vez em "[Rubikon – Magazin für die kritische Masse](#)", em cujo conselho consultivo Daniele Ganser e Rainer Mausfeld estão activos, entre outros. Uma vez que a

publicação foi feita sob uma licença gratuita (Creative Commons), KenFM assume este texto para uso secundário e assinala explicitamente que o Rubicon também depende de doações e necessita de apoio. Precisamos de muitos meios de comunicação alternativos!

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: SvetaZi / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.


+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.

 BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK